

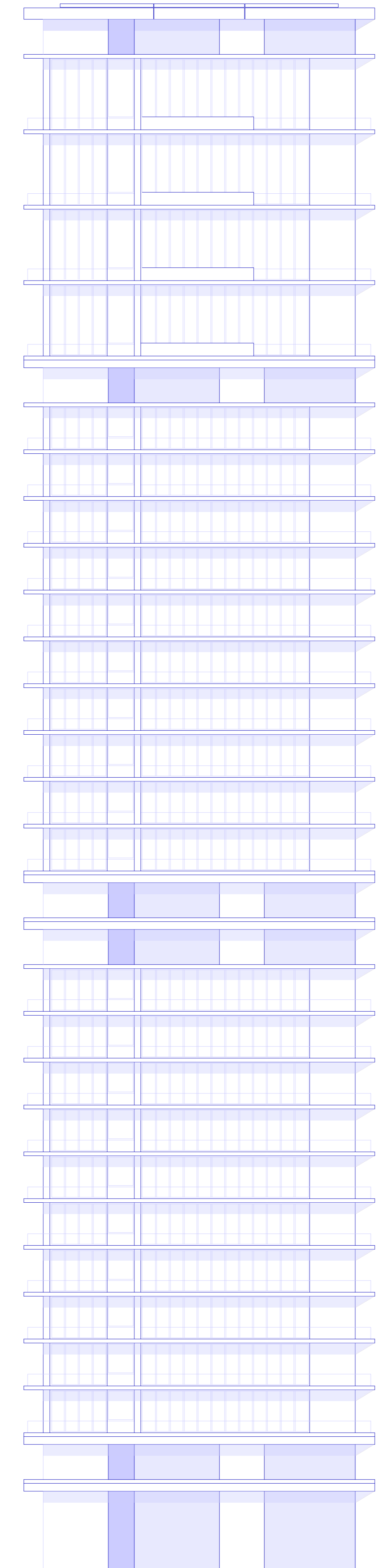
Corte Teórico

Acunpuntura Urbana _ Habitar na vertical

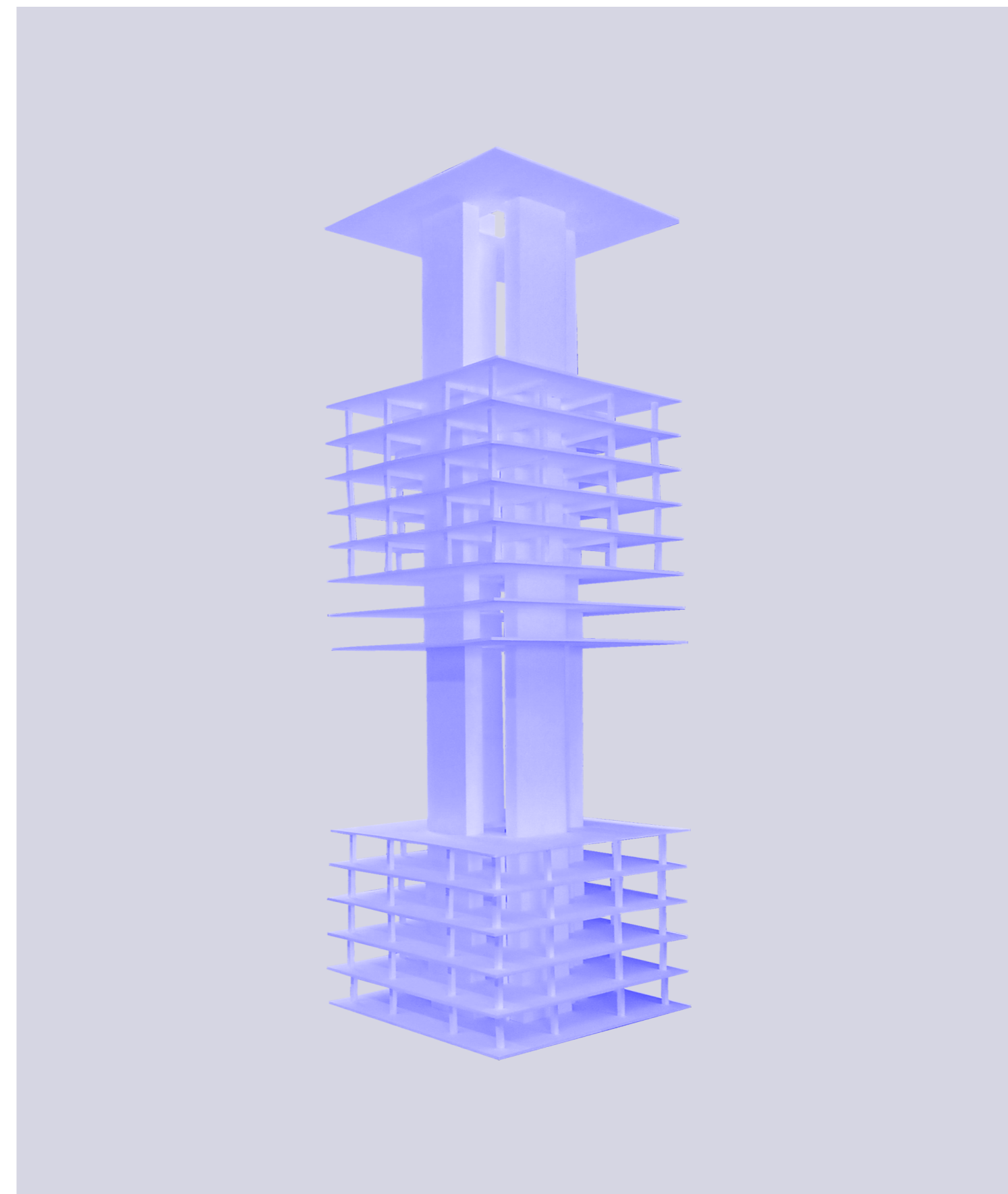
HABITAR viver coletivo, do privado à comunidade

Habitar a nova malha urbana resulta num edifício em torre que, através da sua verticalidade, enuncia um percurso, pontoando-o, criando referências visuais na paisagem de quem habita e percorre este parque urbano.

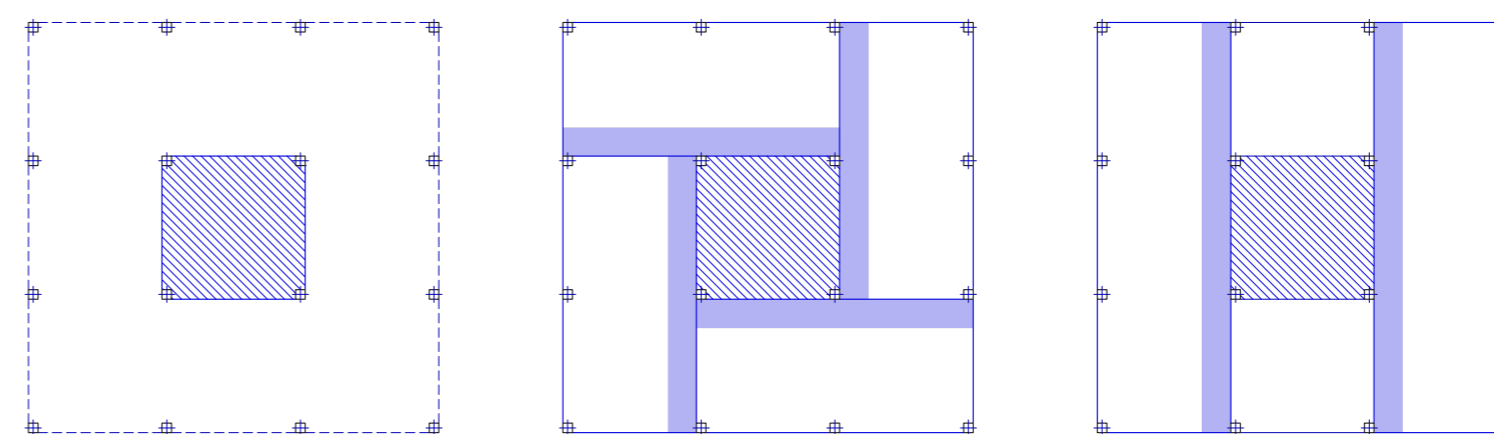
O desenho do habitar na vertical permite, neste contexto, densificar e responder à falta de habitação na cidade, ao mesmo tempo que mantém liberto o chão comum que já lá existe mas que não é qualificado. A torre desenvolve-se segundo a lógica embasamento, corpo, coroamento. Na base um piso público marcado pelo duplo pé-direito e os grandes volumes da infraestrutura das águas, nos quais assenta a torre. No corpo, os pisos de habitação de quatro fogos e no topo a tipologia em duplex, coroados pela cobertura acessível. Esta lógica é interrompida ocasionalmente pelos pisos comuns nos quais se desenvolvem programas como espaços de co-working, creches, pequeno comércio ou workshops.



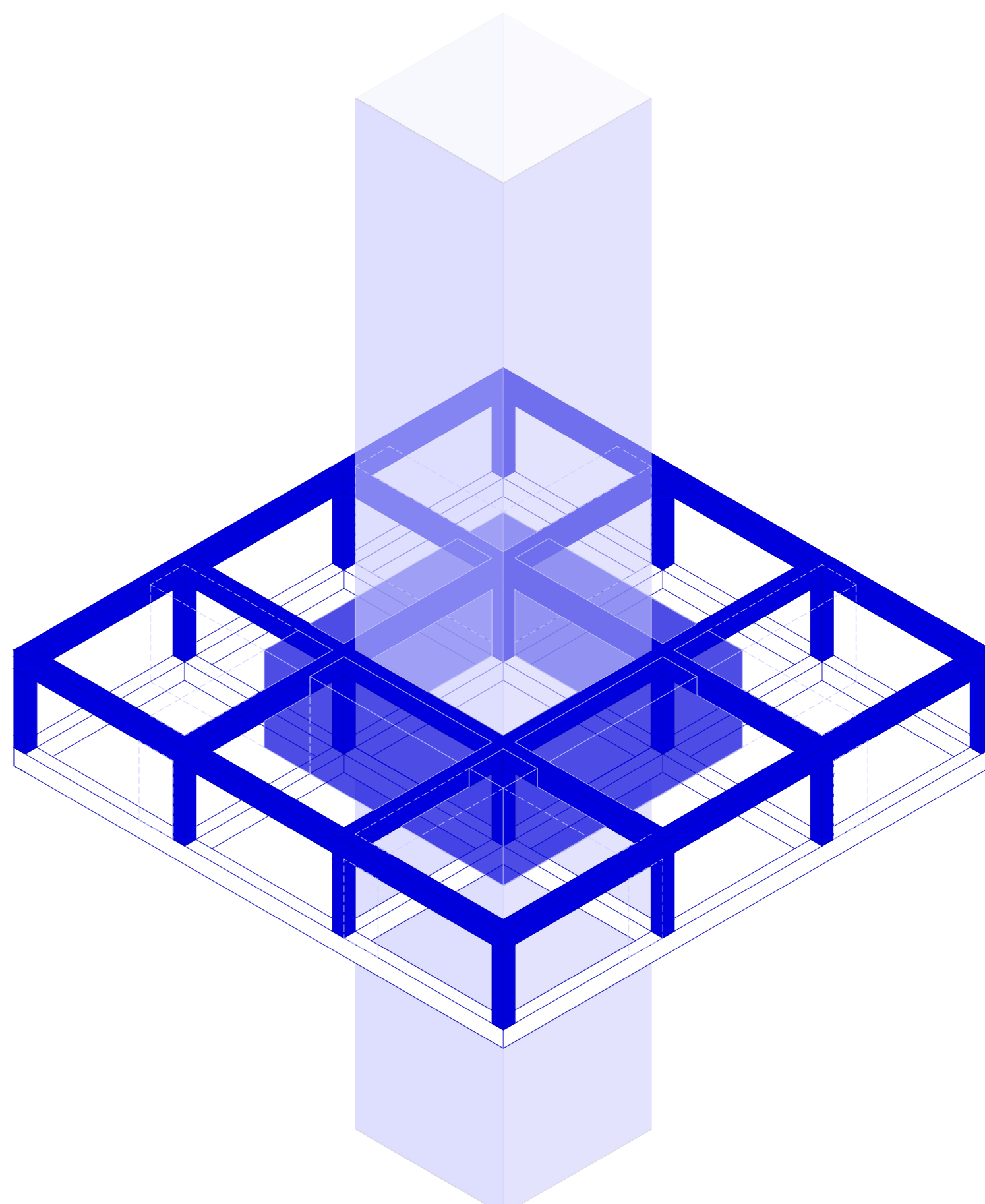
Alçado Corte Teórico



Maquete Corte Teórico_Escala 1:50



Plantas esquemáticas_Estura Durável + Infraestruturas



Axonometria_Estrutura durável

DURÁVEL / REVERSÍVEL ruína inteligente, o que perdura e o que se adapta

O edifício procura responder às questões contemporâneas relativas à construção, materialidade, ciclo e longevidade da arquitetura. O seu desenho passa pela construção de um esqueleto em betão, onde no seu centro se insere o bloco de acessos verticais, ao qual se associam as infraestruturas dos fogos - águas e acessos.

Os fogos funcionam como invólucros numa subestrutura em madeira idealizada de forma a ser desmontável e reaproveitada no futuro.

As infraestruturas das águas são integrados num bloco multifuncional constante em todo o edifício, de forma a libertar as fachadas para os restantes espaços da casa.

Assim, pensa-se num edifício com base na ideia de ruína inteligente, em que a sua massa estrutural perdura no tempo e o restante espaço se adapta às diferentes necessidades ao longo desse tempo.

Máquina + nichos.

ENTANGLED LIFE sistemas que geram cidade

Olhamos a cidade como o pano de fundo da vida. Lisboa é desenhada segundo sucessivos planos urbanos, numa aparente busca por um lugar perfeito onde habitar em cada tempo.

A reflexão do corte teórico parte de um olhar sobre a cidade, sobre a malha consolidada e o espaço sobrance entre ela.

O vale de Chelas ilustra os dois lados, um conjunto de bairros consolidados que se isolam em si mesmos, ilhas delimitadas pela infraestrutura viária, que se torna barreira a quem percorre o vale a pé.

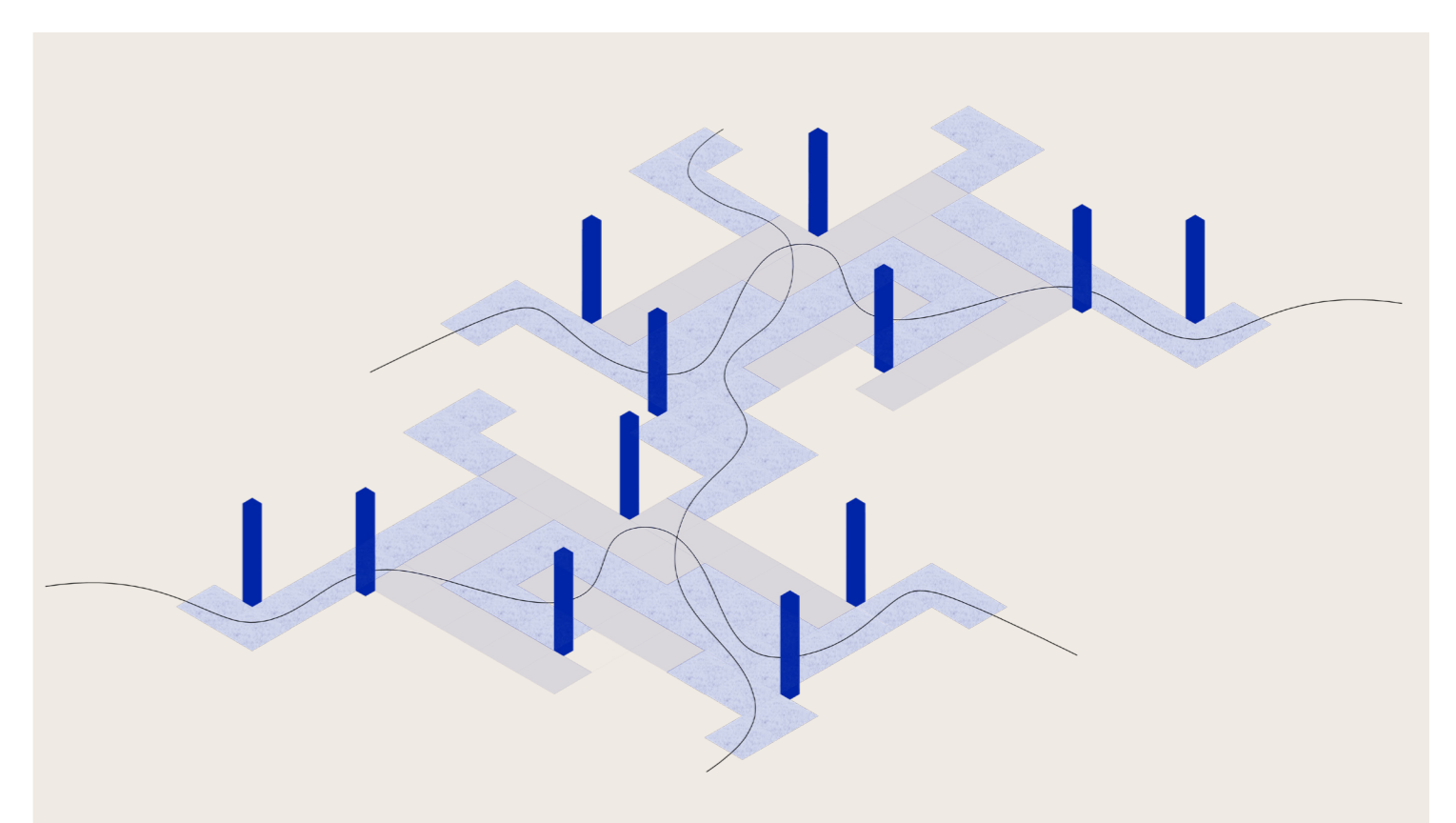
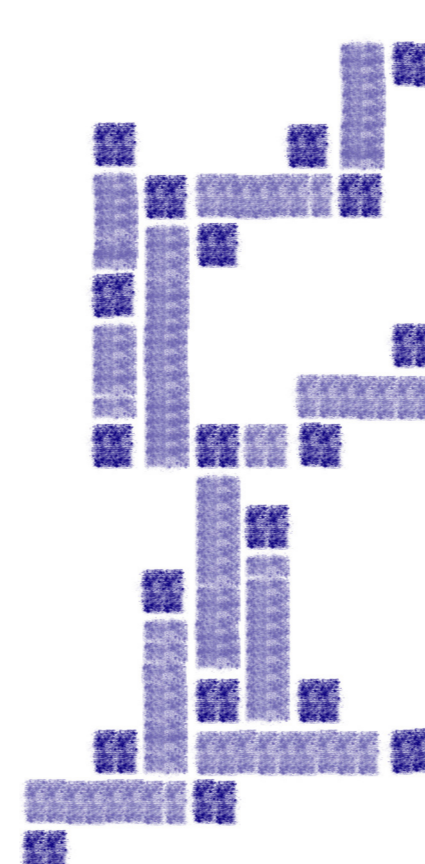
A proposta passa pelo desenho de uma malha regular que define o tipo de ocupação do território verde sobrance e desqualificado, onde pontualmente se pode implantar a nova habitação.

CHÃO COMUM o que percorremos, usufruímos e partilhamos, onde se habita, produz e comunica

Partindo do cenário agrícola do vale de Chelas e da pertinência da ocupação das quebras de um território desconectado e disperso, procura-se densificar e desenhar um contínuo parque urbano, onde a produção agrícola, os espaços verdes e o habitar coexistam, assim como outras infraestruturas e equipamentos públicos que, inseridos neste contexto, sirvam toda a comunidade.

Um chão percorrível e permeável que envolve o espaço de habitar e possibilita a ligação entre bairros e infraestruturas, valorizando o percurso pedestre.

Cria-se a oportunidade de co-habitar num território urbano, dando continuidade ao carácter agrícola de Chelas.

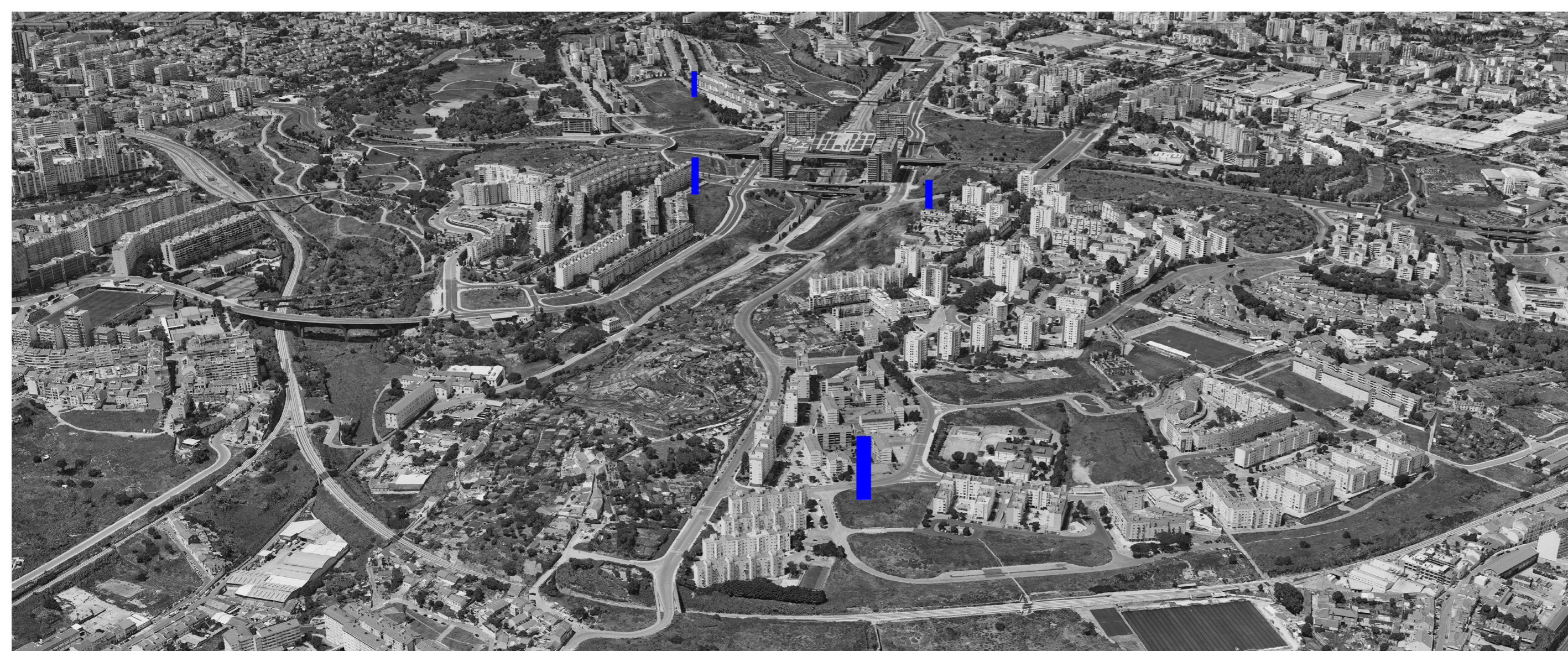


Sistema de torres num território permeável



Mapa _ Estratégia geral

500m



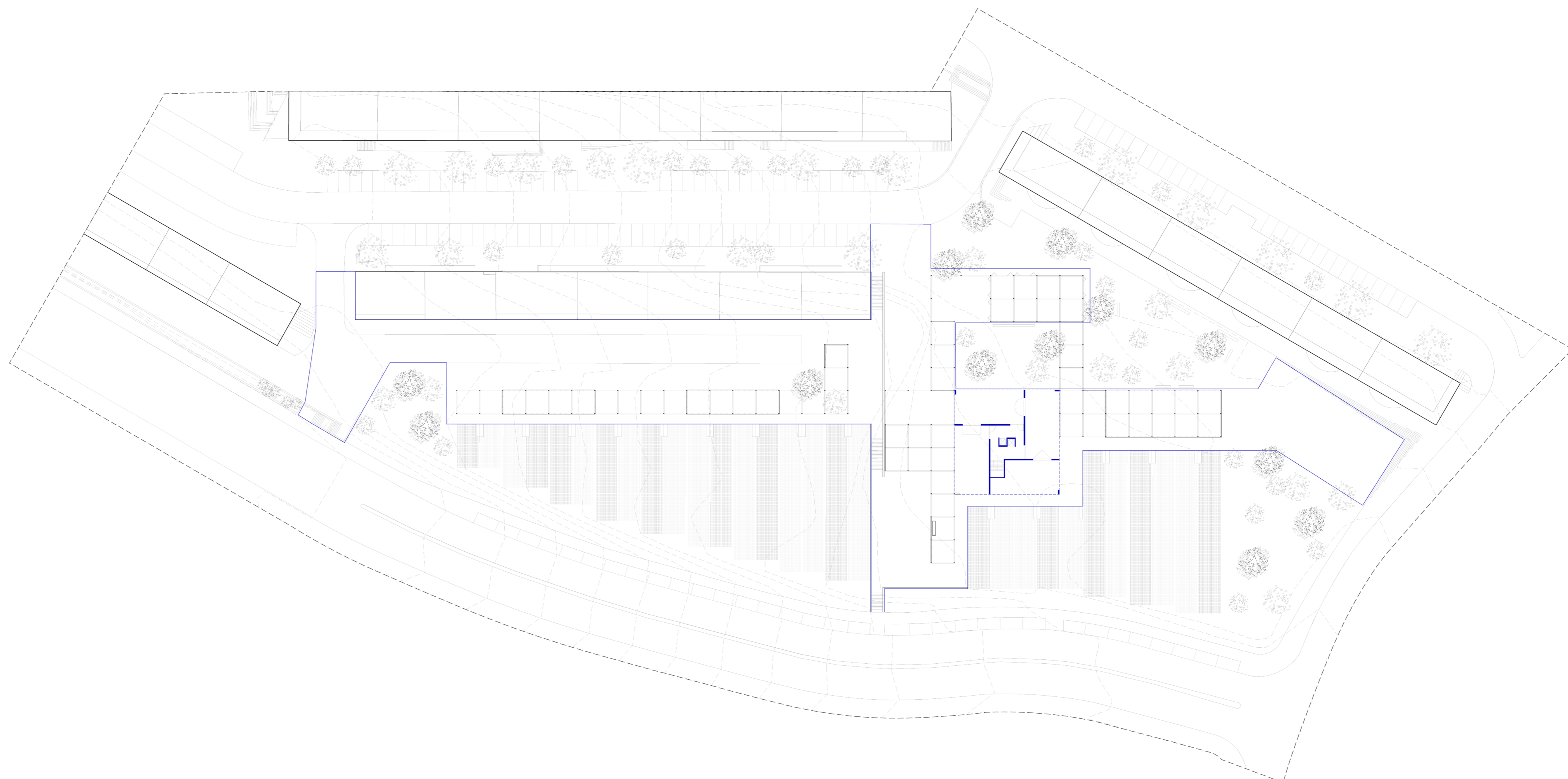
Fotomontagem _ Sistema de torres no território

ENTANGLED LIFE

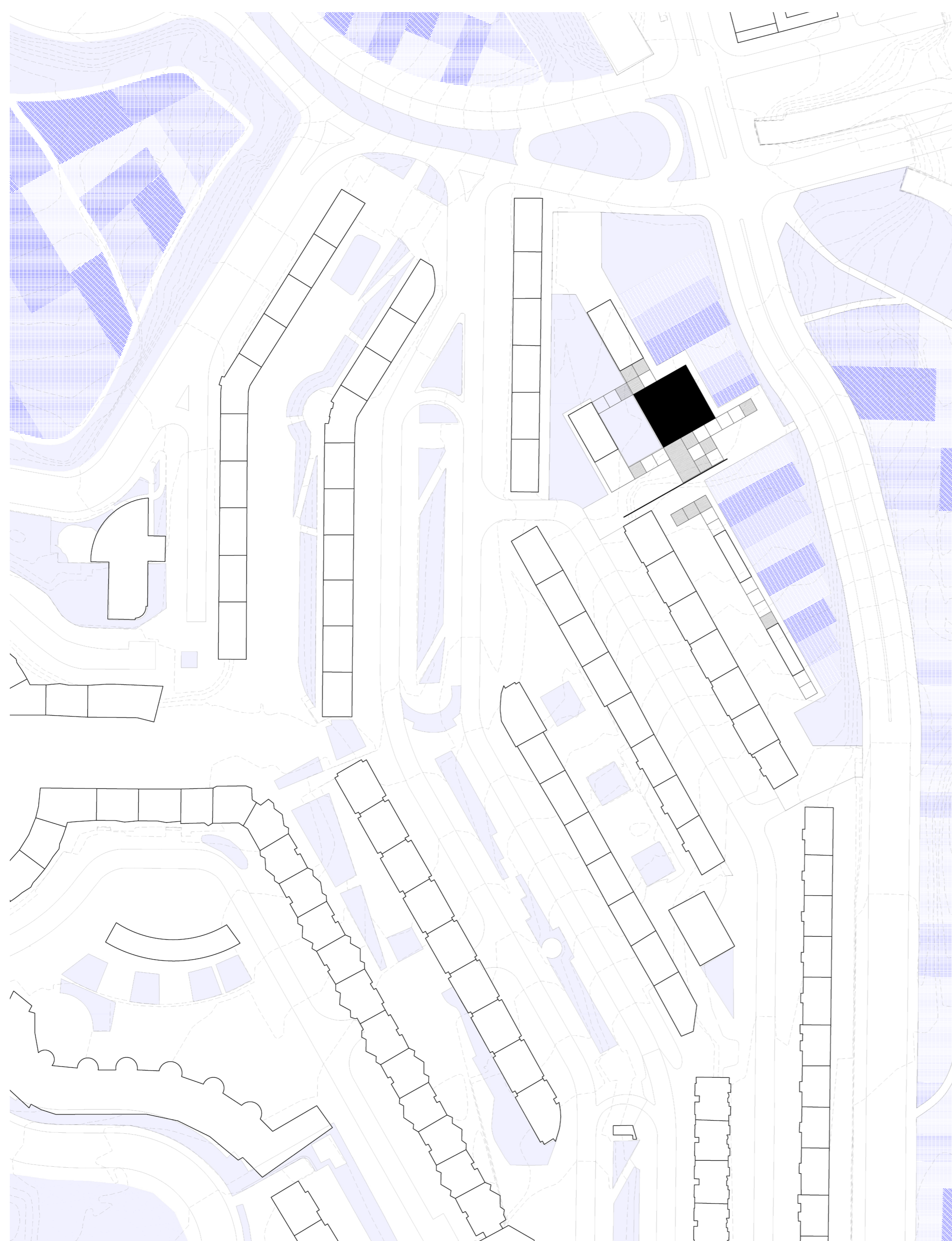
A estratégia parte de um olhar sobre a cidade, sobre a malha consolidada e o espaço sobrando entre ela e da reflexão sobre de que forma o que se constrói e o que permanece natural podem e devem coexistir, procurando uma transição mais equilibrada entre a ruralidade e o urbano.

Tendo como premissa a criação de um grande sistema verde no vale, dá-se continuidade aos parques da bela vista e do vale da montanha, que se unem ao parque urbano de chelas através do desenho de um novo corredor verde e agrícola tirando partido da ocupação dos fragmentos de território desocupado neste fundo do vale. Este ato de reimaginação da paisagem do vale devolvendo-lhe a sua capacidade produtiva cria um território permeável que penetra nos núcleos habitacionais e se comporta como uma malha coesa num território de fragmentos segregados, sendo a sua condição permeável não só a nível físico do solo, mas também simbólico, no sentido de ser um chão comum percorível que envolve o espaço de habitar.

As torres surgem nas margens entre os bairros consolidados e o solo produtivo, procurando estabelecer pontos de referência ao longo do vale e de ligação entre a vida urbana e a vida agrícola.



Planta de conjunto_Chão Comum



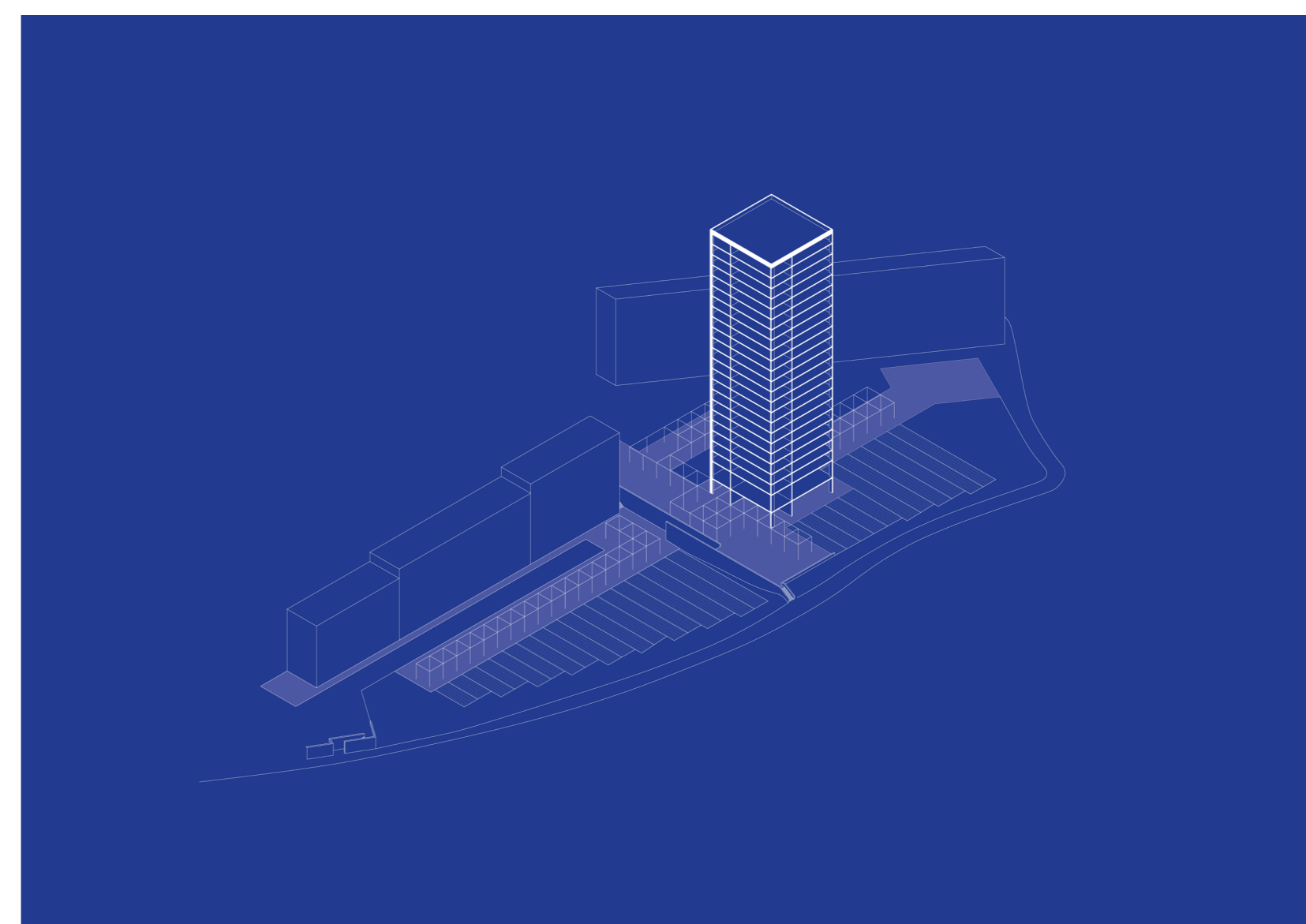
Planta de conjunto_Chão Comum



CHÃO COMUM

Partindo do conjunto de 4 torres propostas procurou-se eleger e intervir num só lugar. Uma das torres é pensada como ponto de remate norte do bairro do Armador, de forma a gerar um chão comum onde se produz e vive em comunidade, que sirva como rótula entre o vale permeável produtivo e a célula do bairro. Este bairro é maioritariamente destinado a realojamento de famílias oriundas de bairros temporários de Marvila, pelo que se procura fomentar a vida comum. Desta forma introduz-se uma peça - uma plataforma - que facilite o atravessamento de um território sobrance, na qual pousa a torre e se desenvolvem programas públicos em seu redor. Assim, desenvolve-se um sistema onde se habita e produz, onde se promove um sentido de comunidade e onde se testa um novo modo de viver.

Estando a intervir no território limite entre a cidade existente e o território produtivo, o plateau limita e desenha o chão comum que faz a transição entre essas duas realidades. São pensados cinco pontos de acesso que facilitam o atravessamento de toda a área e a comunicação entre as avenidas Francisco Salgado Zenha a Nascente e Vergílio Ferreira a Poente. Neste chão acontece toda a vida comunitária, é um ponto de chegada, de articulação com a envolvente, onde se trata e vende as hortícolas que se colhem, onde se interage e se vive em comum, antes de cada um se isolar no seu próprio habitat. Desenha-se um chão e uma estrutura leve que acolhem os programas comuns, como a estufa e o mercado de levante.

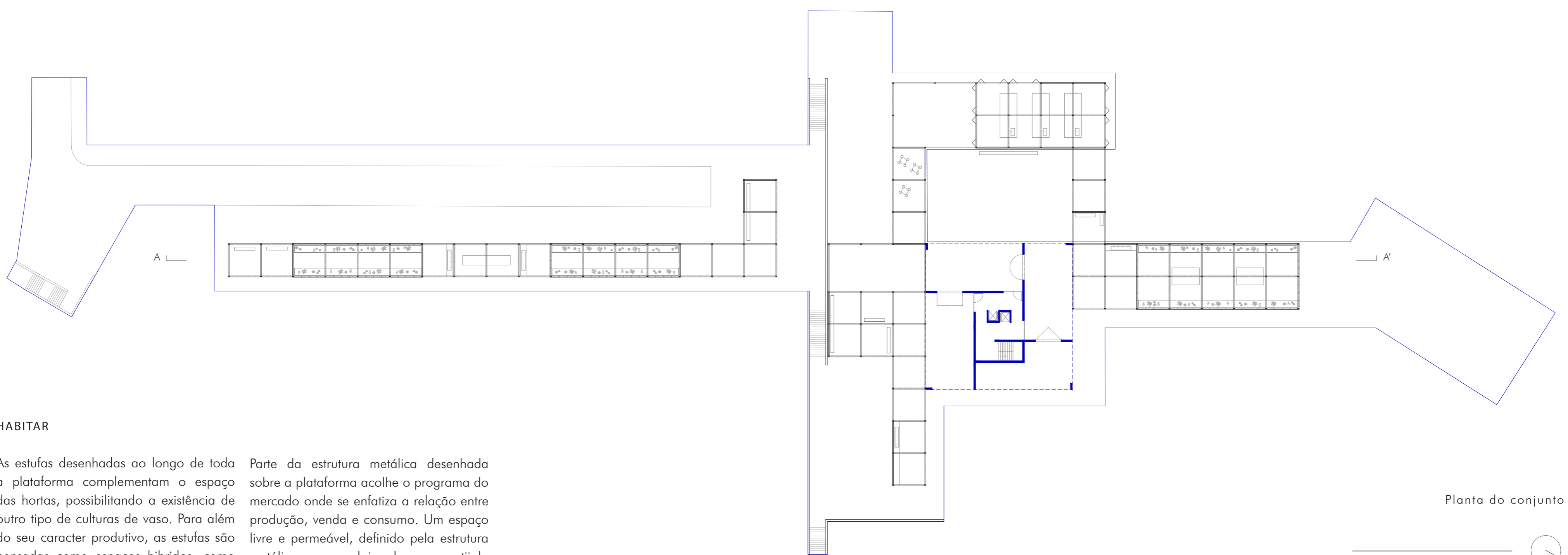


Planta de conjunto_Chão Comum



Corte Transversal AA'

25m



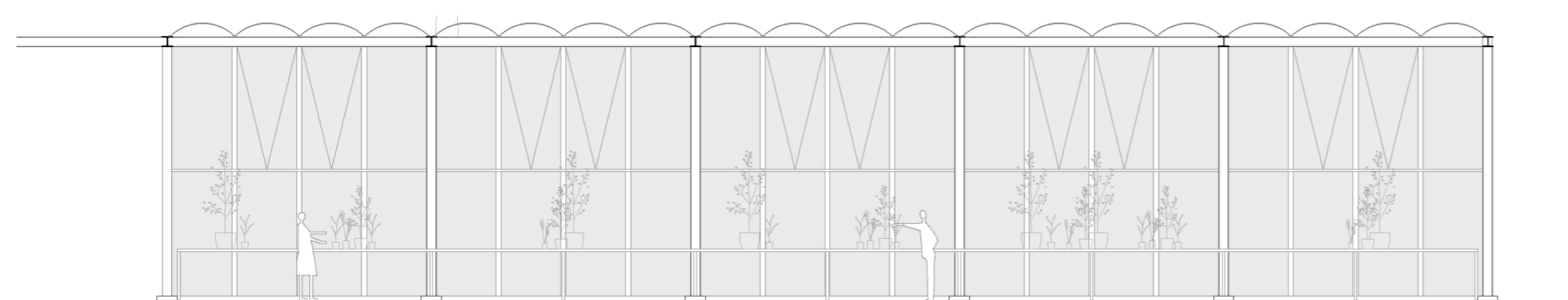
Planta do conjunto

25m

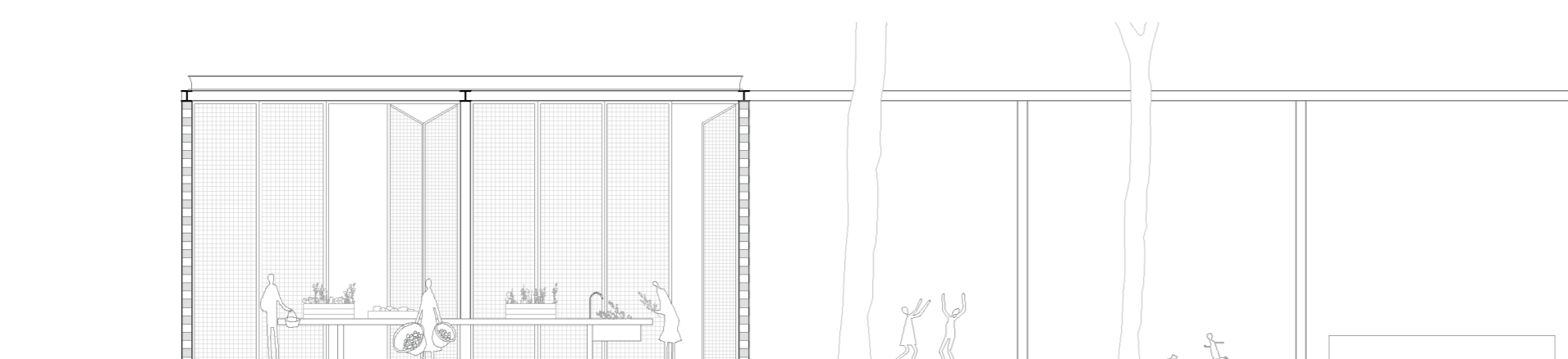
HABITAR

As estufas desenhadas ao longo de toda a plataforma complementam o espaço das hortas, possibilitando a existência de outro tipo de culturas de vaso. Para além do seu carácter produtivo, as estufas são pensadas como espaços híbridos, como espaços de coexistência entre as pessoas e a natureza, podendo ser utilizados para outros fins da comunidade.

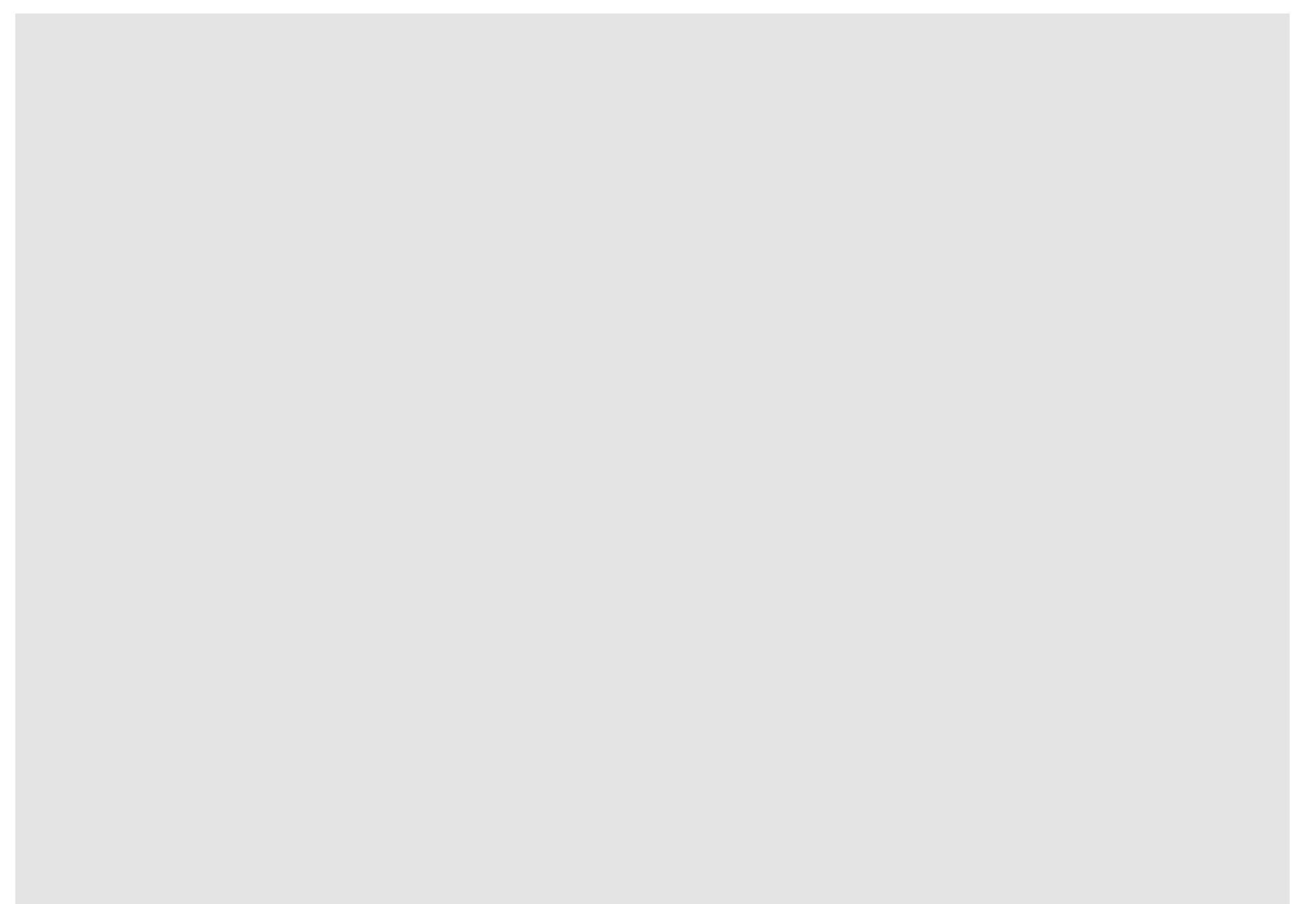
Parte da estrutura metálica desenhada sobre a plataforma acolhe o programa do mercado onde se enfatiza a relação entre produção, venda e consumo. Um espaço livre e permeável, definido pela estrutura metálica e por dois planos em tijolo intercalado conferindo maior transparência ao espaço.



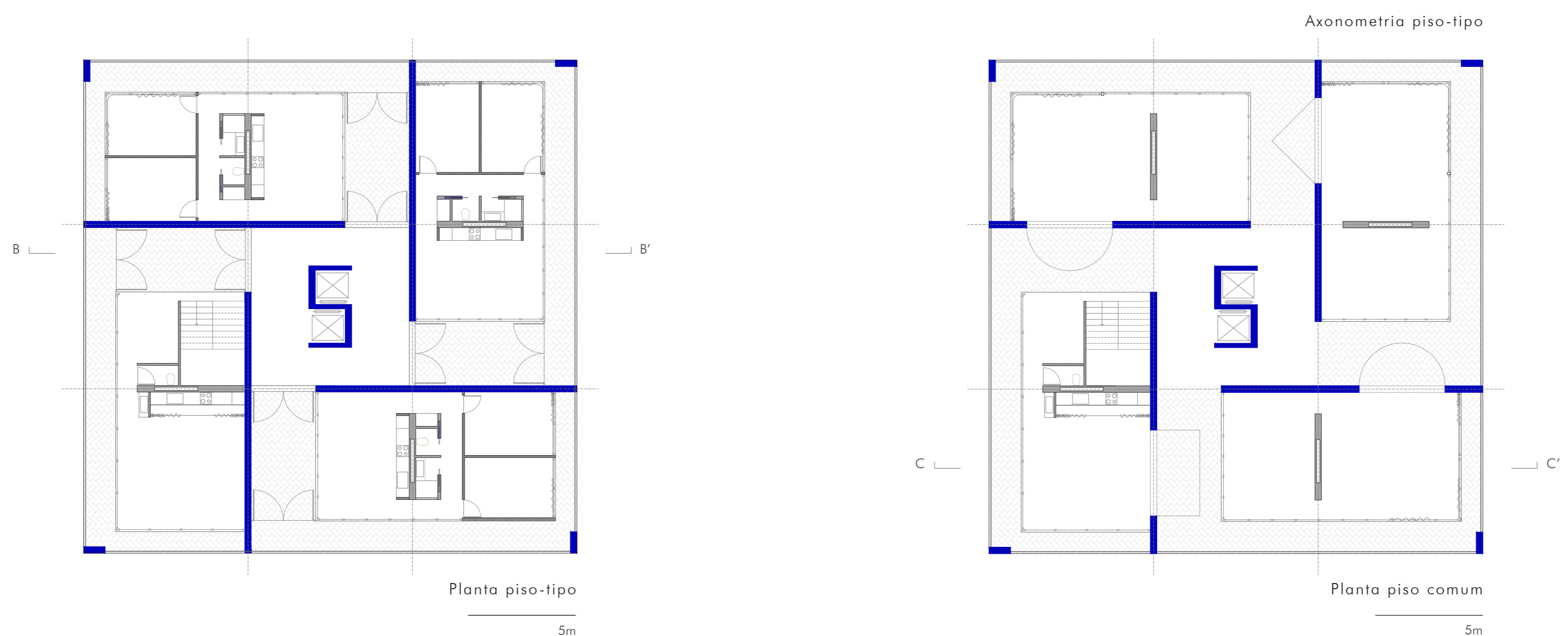
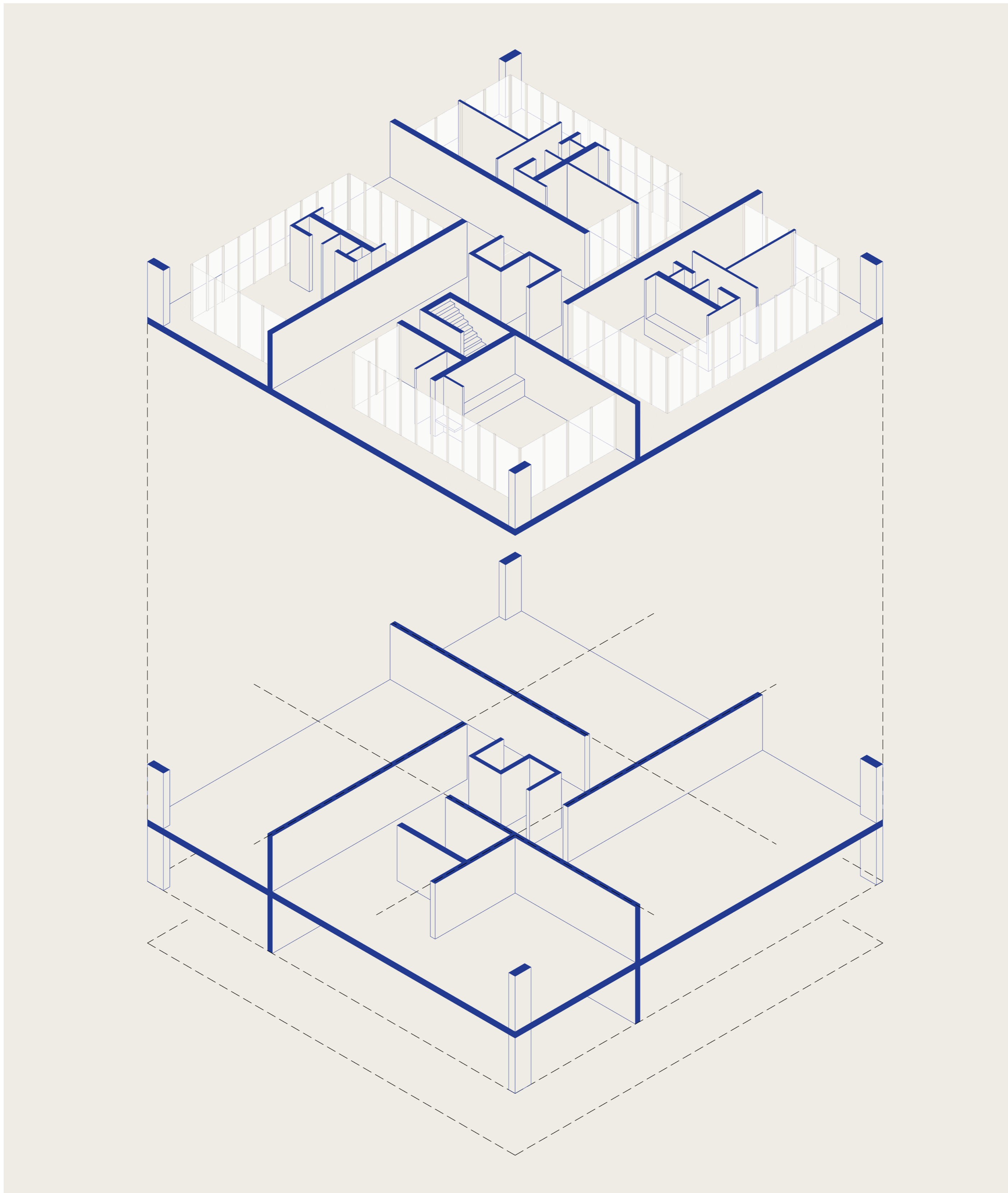
Corte Estufa



Corte Mercado



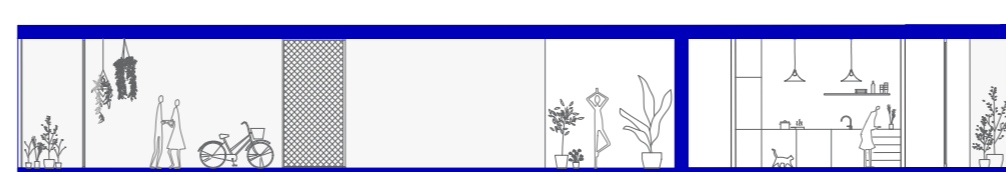
Legenda



DURÁVEL REVERSÍVEL

O seu desenho passa pela construção de um esqueleto em betão, uma estrutura num sistema de planos e pilares, sendo o reversível a maneira como se ocupa e fragmenta cada unidade de habitar através de estruturas leves em madeira. Assim, pensa-se num edifício com base na ideia de ruína inteligente, em que a sua massa estrutural perdura no tempo e o restante espaço se adapta às diferentes necessidades ao longo desse tempo. A partir desses 4 planos são desenhados 4 espaços em planta nos quais existe apenas um bloco de infraestrutura das águas e que subdivide o espaço em dois.

Esta tipologia permite múltiplas possibilidades de ocupação livre de cada unidade de habitar. Pode resultar num único espaço apenas subdividido pelo bloco das águas, um espaço comum e dois quartos, uma casa partilhada com quatro quartos ou pode ainda receber outros programas para além de habitação, como escritórios ou pequenos ateliers. A acrescentar, cada piso da torre respira através de grandes varandas associadas ao núcleo central da torre por onde se faz o acesso às casas. Um destes espaços em planta é de ocupação livre e pode funcionar como espaço comum do piso, incentivando uma vida em comunidade.



Corte BB'
5m



Corte CC'
5m

